

# **Percursos iniciáticos na ficção narrativa de Luís Cardoso: para uma leitura de *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação***

MICAELA RAMON<sup>1</sup>

micaelar@ilch.uminho.pt

## **1. Esoterismo, exoterismo e literatura: um percurso de confluências**

Na sua origem, o termo “esoterismo” foi empregue nas escolas filosóficas da Grécia antiga para designar “o ensinamento da dimensão mais profunda e elevada de uma doutrina” (BLANC *in* BARBUDO, 2001:117) transmitida por via oral a um escol de discípulos especialmente habilitados para a compreenderem em virtude do seu elevado grau de instrução e apurada moralidade. Assim entendido, o vocábulo recobria um sentido que se opunha ao de “conhecimento exotérico” que, por seu turno, se destinava a um público mais vasto ao qual era apresentada uma versão mais simplificada e acessível de tal doutrina. Por conseguinte, “esoterismo” e “exoterismo” surgem como termos correlatos, já que o primeiro se associa à “conceção (...) de uma doutrina metafísica” enquanto o segundo remete para “a sua expressão ou exteriorização por intermédio de palavras e símbolos, requerendo a compreensão autêntica a passagem da letra ao espírito ou da pura literalidade do sentido à sua intelectualidade através da mediação discursiva ou racional” (BLANC *in* BARBUDO, 2001: 117).

Enquanto arte verbal, a literatura define-se também como uma atividade estética na qual *inventio* e *elocutio* convergem para a criação da designada “literariedade”, entendida esta como um processo de desautomatização da perceção que permite, tanto do ponto de vista da criação como da receção, produzir e reconhecer um sistema de signos através dos quais se decifram os nexos insólitos e inusitados de “mundos possíveis”, neles incluída a realidade empírica e todas quantas a mente humana possa conceber. Neste sentido, a arte literária afigura-se como uma possível tentativa de superação do paradoxo kantiano expresso no reconhecimento de que “a Razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões, que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais não pode dar resposta por ultrapassarem completamente as suas capacidades” (*apud* VIEGAS *in* BARBUDO, 2001: 61).

---

<sup>1</sup> Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Efetivamente, o texto literário, na sua condição fundacional de palimpsesto que dá voz à necessidade humana, universal e intemporal, de expressão, cria uma linguagem cifrada que permite dizer o indizível, ou seja, que permite encurtar ou mesmo eliminar o hiato entre a realidade sensorial e a realidade cognoscente ou entre o mundo sensível e o mundo inteligível, segundo a formulação platônica. A linguagem literária cria assim um sistema de analogias – os “nexos insólitos” (de acordo com a poética do barroco) ou as “correspondências” (tal como se lhe referiam os simbolistas) - que permite ir além do plano da mera textualidade e aceder ao mistério da significação criado pelo imaginário simbólico.

Parece-nos poder ser encontrada nesta aproximação de princípios a razão pela qual as relações entre literatura e esoterismo/exoterismo se inscrevem numa narrativa antiga e que se mantém constante ao longo dos tempos. De facto, na história da literatura, nacional como universal, encontram-se “autores que recorrem ao esoterismo como uma *moda*” e autores “para os quais (...) essa teoria e mesmo essa prática esotérica é um verdadeiro *modo* de ser, um ritual quotidiano de vida”. Entre ambos os extremos, há que rastrear ainda aqueles que “mesmo não recorrendo, conscientemente, a determinadas fontes esotéricas, (...) nelas também se inscrevem porque assumem essa alteridade, com ela se identificam e, assim, lhe dão uma renovada continuidade” (COSTA *in* BARBUDO, 2001: 79). Daqui decorre a existência de vários estudos que tomam por tema as interseções, os pontos de contacto ou as articulações existentes entre a criação literária e as tradições esotéricas. A este propósito, cabe destacar o trabalho de Jean-Paul Corsetti, intitulado *Ésotérisme et Littérature*, no qual o autor procede a uma ordenação dessas relações estabelecendo uma tipologia com três categorias, a saber: a “literatura esotérica”, o “esoterismo literário” e os “temas esotéricos”. Assim, por “esoterismo literário” entende a “explicação de uma doutrina esotérica apresentada sob uma forma literária”. Já a “literatura esotérica” será “aquela que utiliza, preponderante e recorrentemente, estruturas e doutrinas esotéricas (...) com uma preocupação quanto à sua especificidade estética”. Por último, há ainda a considerar a ocorrência de “temas esotéricos” em certas obras literárias que deles se apropriam para ilustrarem ou valorizarem determinado sistema ideológico ou programa estético (COSTA *in* BARBUDO, 2001: 71).

Seja como for, cabe assinalar que até ao dealbar do Renascimento o esoterismo dominava a cena cultural, “permeando a organização da sociedade, as instituições

sociais e políticas (...), a visão da natureza, de teor animista e simbólico, ou até certas doutrinas filosóficas, (...) sem que houvesse necessidade de expressamente o designar como tal” (BLANC *in* BARBUDO, 2001:121). Só com a progressiva afirmação de uma visão racionalista, crítica e mecanicista do mundo, a situação se alterou e as correntes esotéricas, nas suas múltiplas escolas e tendências, se viram progressivamente desacreditadas e empurradas para as margens do discurso dominante.

Porém, o carácter global e planetário das formas atuais de viver não justifica ignorar a pluralidade dos vários estádios paralelos de desenvolvimento do mundo. Tal evidencia-se, por exemplo, na constatação de que “a ideologia racionalista e pragmática da tecnociência, centrada numa relação operatória de intervenção e produção do real exterior” (BLANC *in* BARBUDO, 2001:123) não é unanimemente preponderante. Em sociedades menos influenciadas pelo ideário progressista e laicizante da modernidade (ou que o rejeitam tendo por base as limitações da razão e das ideologias de carácter positivista e materialista), o sentido do sagrado bem assim como a relevância de um pensamento contrário ao racionalismo e ao pragmatismo, o qual encontra expressão numa vivência mais próxima da natureza e na busca de uma relação com o divino, impõem-se como maioritários. Tal se nos afigura aplicável em larga medida à realidade de Timor-Leste.

## **2. Sobrevoos pelo panorama literário de Timor Leste**

Timor-Leste é um pequeno país situado no cruzamento entre a Ásia e o Pacífico que apresenta uma grande diversidade etnolinguística fruto das relações históricas que estabeleceu com outros povos, sobretudo asiáticos e europeus, que foram aportando à ilha em diversos períodos da sua história. Dentre esses povos destacam-se naturalmente os portugueses, cuja presença no território se manteve desde o século XVI até aos nossos dias, ainda que com diferentes estatutos e de forma nem sempre contínua. Como resultado do seu contacto com Portugal, Timor-Leste integrou numerosos elementos da cultura colonial visíveis na onomástica, na língua, na religião, na alimentação ou na música. Porém, manteve também práticas tradicionais que convivem de forma mais ou menos harmoniosa com os elementos alógenos, numa miscigenação a todos os níveis peculiar.

A par do catolicismo (forte herança deixada pelo colonizador), os timorenses cultivam um animismo que se traduz numa espécie de “realismo mágico” em que o real e o sobrenatural coexistem, aparentemente sem conflito, e que encontra sentidos ocultos em todas as coisas, sentidos esses que se torna necessário desvendar e interpretar. Tais operações realizam-se sobretudo através da palavra que permite pôr o homem em contacto com a transcendência. Tradicionalmente os *lia na'in*, ou seja, os contadores de histórias assumiam essa função que é agora desempenhada também, em registo escrito, pelos autores de textos literários que paulatinamente vêm constituindo e afirmando uma literatura timorense por meio da qual o cânone lusófono se tem visto enriquecido.

Porém, no mapa cultural dos países de língua oficial portuguesa, Timor constitui ainda um caso marginal, não se entendendo aqui o qualificativo numa aceção ético-social mas antes na sua “extensão político-territorial” (SEIXO, 2001: 372). De facto, a ilha de Timor, pela sua condição geográfica ultraperiférica em relação ao centro da metrópole da antiga potência colonial, continua a ser, para muitos dos que fazem parte da comunidade lusofalante, uma quase desconhecida, mormente quando se tomam como objeto de observação os sistemas de criação cultural e os produtos que daí resultam. Como já noutro trabalho tivemos oportunidade de salientar (RAMON *in* MARTINS *et alii*, 2014: 61-69), no próprio território timorense, as políticas culturais não parecem ser consideradas prioritárias, decorrendo daí um muito significativo e generalizado desconhecimento em relação aos agentes produtores de cultura, mormente os agentes literários. Pese embora esta constatação, em Timor-Leste existe uma literatura oral e escrita, produzida quer durante o período colonial, quer após a independência, que merece ser conhecida e divulgada.

Deixando de lado quer a literatura oral, quer a produzida por autores portugueses sobre temática timorense para referir apenas, ainda que muito brevemente, autores de nacionalidade timorense que escrevem e/ou publicam em português, vale a pena referenciar, no âmbito da poesia, nomes como Xanana Gusmão, Fernando Sylvan (pseudónimo literário de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira), Borja da Costa ou Jorge Barros Duarte. No campo da ficção narrativa, ocupa um lugar de destaque Luís Cardoso (de Noronha), o primeiro romancista de Timor-Leste, como foi classificado por José Eduardo Agualusa no prefácio que fez para o primeiro romance do autor – *Crónica de uma Travessia* –, publicado pela editora D. Quixote em 1997. Na mesma editora publicou Luís Cardoso mais três títulos: *Olhos de Coruja*, *Olhos de Gato Bravo* (2001),

*A última morte do coronel Santiago* (2003) e *Requiem para o navegador solitário* (2007). É ainda de sua autoria o romance intitulado *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* (2013), publicado sob a chancela da Sextante Editora, bem como um conjunto de outros textos, não exclusivamente de teor ficcional, dados à estampa em jornais e revistas ou em obras coletivas.

Não sendo nossa intenção fazer uma análise que incida sobre cada uma das obras de Luís Cardoso, centraremos a nossa atenção no mais recente dos seus romances com o intuito de fazer dele uma leitura que permita pôr em evidência a forma como o seu universo narrativo dá expressão a uma maneira de ver o mundo que faz equivaler os planos sensorial e extrassensorial, aceitando como palpáveis e evidentes realidades que para os não iniciados são apenas invisíveis ou fantasiosas.

### **3. Para uma leitura de *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação***

*O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* é uma narrativa sobre a história de Timor. Importância crucial assumem os acontecimentos ocorridos ao longo dos vinte e quatro anos de luta do povo timorense pela independência, a qual viria a ser confirmada pela instauração da República Democrática de Timor-Leste, em 2002. Todavia, no relato encontram-se também referências à viagem de circum-navegação que Fernão de Magalhães intentou completar sem sucesso no século XVI (século da chegada dos portugueses à *ilha do sol nascente*), à invasão dos japoneses durante a 2ª Guerra Mundial e ao período colonial cujo controlo, em bom rigor, apenas se começou a fazer sentir verdadeiramente a partir de meados do século XIX.

Como primeira nota de leitura, saliente-se a originalidade da voz narrativa encontrada para este romance. De facto, a história é narrada por uma sandália, “a do lado esquerdo, onde bate o coração”, a qual fala “também pela [sua] irmã gémea, a do outro lado, que dizem ser a da sensatez”, o que leva esta última a manter-se praticamente silenciosa ao longo do relato, intervindo apenas pontualmente para ralar e mandar calar a irmã “com uma voz oculta a que chamam consciência” (CARDOSO, 2013: 9).

A sandália narradora, juntamente com a irmã, constitui uma prenda oferecida por Amadeu à sua filha Carolina, personagem que se assumirá como central com o desenrolar da história. Amadeu é um confesso integracionista que compra o par de

sandálias no aeroporto de Singapura no regresso de uma viagem à Áustria para participar num “dos muitos encontros de reconciliação entre timorenses promovido pela ONU por causa do estatuto do território após a invasão indonésia em 7 de dezembro de 1975” (CARDOSO, 2013: 9). É a partir do ponto de vista desta sandália que o leitor vai tomando conhecimento e vai acompanhando o desenrolar das vidas de uma galeria de personagens, algumas com intervenção ativa e direta na trama, outras apenas convocadas através da memória das restantes. De comum, todas estas personagens têm o facto de serem autores de feitos notáveis, mas também protagonistas de atos desprezíveis, pelo que, do seu conjunto, emerge uma visão caleidoscópica sobre a realidade timorense marcada por uma crueza que caracteriza todos os períodos da história da ilha.

A técnica narrativa usada por Luís Cardoso não é de todo linear nem cronológica. Muito pelo contrário, segue uma lógica de associação de ideias em que uma história leva à outra numa cadeia em que “as palavras [se vão] encaixando umas nas outras como as contas de um rosário” (CARDOSO, 2013: 117), de modo a compor uma sucessão de “histórias sobre vidas paralelas. Uma ocultas e outras falsas que se [vão] tornando verdadeiras, de tanto serem contadas que [perdem] as contas do tempo” (CARDOSO, 2013: 153). Assim, a sandália (e por seu intermédio o próprio autor) assume a função dos traicionais *lia na'in*, os contadores de histórias que através da palavra estabeleciam a relação entre a comunidade de ouvintes e a tradição marcada pelo simbólico e pelo transcendente.

As histórias contadas pela sandália revelam as peripécias das vidas e as facetas da personalidade de personagens desconcertantes que confundem e “desorientam a estipulada lógica ocidental” (CARDOSO, 2013: 247) por se regerem por sistemas de valores até certo ponto enquadráveis numa racionalidade positivista, mas a que se acrescenta todo um imaginário de crenças e de superstições, como se sob a normalidade da aparência de um real verosímil se ocultasse um outro mundo que clama por decifração e que não pode nem deve ser ignorado.

Tal é a história de “Raio de Luz”, o guerrilheiro resistente que se vem a descobrir ser também o locutor de rádio poeta do período colonial que casara com Isadora, a bela bailarina de Bidau, a quem prometera proteção eterna, mas que acaba por abandonar movido pelo apelo irresistível da “causa timorense” que o leva a descobrir os trilhos das montanhas e a acabar clandestinamente escondido no lugar mais improvável de todos, a casa do confesso integracionista Amadeu. Na clandestinidade, “Raio de

Luz” dedica-se a escrever um livro com o objetivo de expor “os seus pensamentos sobre o futuro de Timor”, fazendo parte do seu projeto precisamente restaurar “a velha ordem de Manumera, com os seus símbolos, autoridades representativas, tradições, ritos, mitos, línguas, crenças, memórias, oráculos, cultos e casas sagradas” (CARDOSO, 2013: 46).

Tal é também a história de António Pigafetta, personagem que dá título à obra, o albino a quem os pais fazem passar por *malae* (estrangeiro, homem branco, português) na tentativa de se livrarem do embaraço que a sua diferença representava, visto ser alternadamente encarado pela comunidade como “um anjo” ou como uma “reencarnação do Diabo”. Personagem camaleónica por excelência, Pigafetta é o devoto sacristão do período colonial, mas também o prisioneiro obrigado a suportar as sevícias do “secretário Sakunar”, o “mainato Atói” que, quando sozinho com Pigafetta nas montanhas, julga ver nele a mulher grávida e o toma para seu amante, seduzido pela sua aparência frágil e fina de *mane-feto* (homossexual). Às mão de Sakunar, Pigafetta sofre as maiores atrocidades, desde a mutilação da língua para que nunca pudesse contar o que viveu nas montanhas, até às repetidas violações como forma de o antigo mainato descarregar a raiva sentida face às desconsiderações de que fora objeto ao longo da vida por ser o “bastardo de Malisera”, o “sublevado que assaltava os administradores coloniais para lhes roubar a farda branca e os deixava nus. Depois escondia-se numa mata para ver como reagiam quando fossem encontrados pelos cipaiois” (CARDOSO, 2013:20). A lenda criada em torno de tal personagem deu origem a um “movimento nativista de Manumera, um misto de sincretismo religioso, baseado na figura central de um indivíduo que chegou a ser proclamado a reencarnação de Cristo com a sua melena e barbas compridas” (CARDOSO, 2013: 19). Pigafetta é igualmente o que se crê descendente do homónimo explorador italiano da tripulação de Fernão de Magalhães o qual logrou concretizar o sonho de concluir a viagem de circum-navegação e dela escreveu o relato. E é ainda aquele que consegue comunicar sem falar, estabelecendo empatia com os mortos, cujos espíritos se recusam a abandonar os corpos mesmo quando estes começam “a dar sinais de degenerescência” (CARDOSO, 2013: 238), como é o caso da avó Aurora, a velha louca.

Aurora, a anciã, é talvez a personagem que melhor representa o carácter dúctil de uma realidade indistinguível da fantasia. É ela que se recusa a aceitar a evidência da morte do marido, o major de segunda linha Álvaro Monforte, que a velha insiste ter-se ausentado para *tasi-balu* (o outro lado do mar) para “pedir ajuda aos seus amigos

portugueses para que voltassem depois de os terem abandonado à sua sorte quando os *bapaks* (indonésios) entraram em Timor” (CARDOSO, 2013: 234). Tal teimosia fá-la viver num limbo em que real e sobrenatural convivem sem conflito algum. Por isso, a avó acredita que um galo dorme debaixo da cama da neta Carolina e que esse galo “um dia (...) regressará como Álvaro Monforte, coronel da companhia de moradores do Reino de Manumera” (CARDOSO, 2013: 41).

A harmonia entre as realidades percecionáveis sensorialmente e entendíveis pela razão e aquelas outras que configuram o reino do sobrenatural constitui, aliás, a matriz do labiríntico imaginário timorense onde pontificam lendas como a da *Pontiana* (“Esse espírito que seduzia os mancebos e depois os levava para o cemitério onde depois de consumir o ato sexual cravava as unhas nos seus peitos e lhes arrancava os corações. Deixava-os nus e mortos em cima de uma campa fria.”, CARDOSO, 2013: 17) ou a do crocodilo que explica a própria origem da ilha. Enquanto ficcionista, Luís Cardoso faz-se porta-voz desse imaginário, assumindo-se como contador de histórias que relevam de uma forma peculiar de relacionamento dos homens com o oculto e o sobrenatural, de que este seu último romance é exemplo.

#### **4. Considerações Finais**

O povo timorense, como as personagens de *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, é dado a presságios e ao convívio com os espíritos, vivendo existências curvilíneas como a textura desta obra em que se descortinam sempre planos sobrepostos. Assim, o relato dos acontecimentos históricos que recupera as tradições, as lutas, os sofrimentos, mas também as vitórias deste povo, ganha sentido enquanto símbolo de uma realidade outra, fulgurante, voluptuosa, inverosímil e ainda assim marca identitária do povo timorense. Decifração dos mitos inscritos no imaginário coletivo, arqueologia da memória de uma comunidade que experimentou a crueza opressora da realidade e que lhe sobreviveu sendo capaz de promover uma harmonização entre fações dissidentes que o desfecho pacificador da intriga do romance retrata, esta obra de Luís Cardoso recria uma espécie de “epopeia” timorense. Sem ceder à tentação da sacralização dos oprimidos e da demonização dos opressores, antes sublinhando as fragilidades humanas comuns a todos, esta narrativa conduz o leitor através de um percurso iniciático que o leva a compreender, para além da dimensão histórica do relato, a essência eminentemente esotérica de uma comunidade para a qual



a solução cientifista e pragmatista parece não chegar, levando-a à busca incessante de um real alternativo nesta obra literariamente reconfigurado.

## Referências

### A)

CARDOSO, Luís (2013), *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, Lisboa: Sextante Editora

### B)

BLANC, Mafalda (2001), “Esoterismo, humanismo e filosofia”, in BARBUDO, Maria Isabel Sampaio (Coordenação), *O Esoterismo e as Humanidades*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 117-124.

COSTA, Paula (2001), “Tradições esotéricas e vanguardas literárias” in BARBUDO, Maria Isabel Sampaio (Coordenação), *O Esoterismo e as Humanidades*, Lisboa: Edições Colibri, pp.69-80.

RAMON, Micaela (2014), “Contributos para a constituição de um cânone lusófono: Timor-Leste no contexto da produção literária em língua portuguesa” in MARTINS, L.M., CABECINHAS, R., MACEDO, L., & MACEDO, I. (Eds.), *Interfaces da Lusofonia*. Braga: Universidade do Minho, pp. 61-69.

SEIXO, Maria Alzira (2001), *Outros Erros. Ensaaios Literários*, Porto: ASA Editores.

VIEGAS, Pedro (2001), “A estética da transcendência” in BARBUDO, Maria Isabel Sampaio (Coordenação), *O Esoterismo e as Humanidades*, Lisboa: Edições Colibri, pp.61-67.